

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº164 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2004  
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

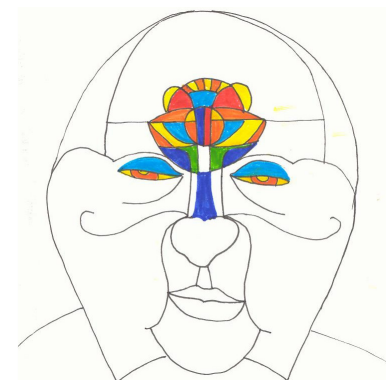
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**164**



FLÁVIO DUTKA

## O IMPASSE DA MODERNIDADE A PARTIR DE UMA LITERATURA DE INSIGNIFICÂNCIAS

João Carlos de Carvalho



**João Carlos de Carvalho**

Professor de Teoria da Literatura, Literatura Amazônica, e Latino-americana - UFAC  
jccfogo@bol.com.br

## **O IMPASSE DA MODERNIDADE A PARTIR DE UMA LITERATURA DE INSIGNIFICÂNCIAS**

O século XX fez uma clara opção pelo homem medíocre, quem sabe dando continuidade a um processo vicioso, desde a Revolução Francesa, que se voltaria inevitavelmente pela construção de uma vertente, e cada vez mais forte, de destruição de valores. Isso, sem dúvida, não desfaz ou diminui o sentido de certas conquistas, pois viveríamos uma poderosa dicotomia de contaminação e renovação, porém, por outro lado, subentendia-se um universo ainda mais esmagado pela própria força de juntar contradições. O homem ocidental, nesse sentido, não conseguiria suportar essas décadas todas pela frente se diante do espelho ele não revelasse a si próprio o seu poder de superação e escolha. Desta feita, o que ele vem encontrando, em sua condição de infinda busca, seria o irremediável aprofundamento das marcas do processo vivido. A mediocridade, no entanto, nos últimos cem anos, parece ser o paliativo de uma sociedade esmagada entre os sonhos e a competição.

A modernidade nasce sobre o crivo das grandes navegações, sem se tornar necessariamente moderna. Invade lentamente circuitos nunca antes penetrados, fazendo do homem do baixo medievo uma fronteira entre dois universos dilacerantes. O que foi realizado a partir daí valeu muito mais pela representação de uma impotência secular, de uma solução adiada por meio do aceno a um improvável futuro onde o homem ensaiava o seu drama na própria turbulência de seu cada vez mais mal resolvido drama de humanidade, já que as contradições, no jogo das lógicas, impunham faces muito mais perversas do que as previamente imagináveis. Entre as câmaras de tortura inquisitoriais e os malabarismos eróticos do Marquês de Sade, ficaríamos com a grave sensação de que uma loucura tomaria conta de qualquer aparato racional. Nesse sentido, modernidade e humanismo se tornam, ao longo dos séculos, sinônimos inconciliáveis, já que encontram os óbices de seus sentidos na própria desarticulação de tantos movimentos. O que, no entanto, conhecemos hoje como modernidade diz mais respeito ao impasse de sê-la em torno de diferentes conquistas, sejam técnicas, industriais ou espirituais. O homem moderno – ele o é, dentro das muitas conjunturas que a História mostrou – o ser exilado pela ampliação do seu potencial de condenado pelo reconhecimento (e ao mesmo tempo desconhecimento) de si mesmo.

Esse processo de desconfiguração na história humana representa, na maioria das vezes, um grande ponto de interrogação, como se o que se soubesse fazer dependesse de um inevitável adiamento de ser. Do Renascimento até o século XX, passando pelo Barroco e o Romantismo, penduramos as nossas chuteiras em diversos momentos de consagração e esvaziamento. Toda a consubstanciação estética de redefinição estilística dependia desse jogo de crenças e descrenças no próprio fazer humano. A radicalidade humanística, inaugurada como fruto de impasse e afirmação, sempre dependeu drasticamente das articulações entre racionalismo e irracionalismo, ponderando ora o imponderável, “imponderando” ora o ponderável. As três fases da modernidade, destacadas por Marshall Berman em seu conhecido livro (16-7), implicam um processo de avanço e de progresso inevitável, mas não sem um alto preço a pagar. Sendo esse, ao meu ver, o aspecto mais perverso da relação do homem com uma realidade sempre em construção, é a partir principalmente do século XVIII que encontramos uma condição inevitavelmente agônica e que, nas artes, acaba por ser dilacerada pelo adiamento proporcionado pelas inúmeras experimentações vanguardistas dos séculos XIX e

XX. Ora, seria muito fácil se conseguíssemos compreender a lógica desse processo como um vale tudo de todas as irresponsabilidades permissíveis entre o querer e o fazer, já que o artista, nesse caso, ficaria com a obrigação de resolver, até certo ponto, as causas que explicam a infelicidade no mundo por meio das projeções de uma fantasia transcendental, o que dramatizaria a desumanização no embate entre o referente e o representado, aspecto que fomentou, e de certa forma ainda predomina em tempos pós-modernos, uma linguagem que se constrói na condição de ser destruindo-se.

Quando, hoje, enfim, voltamos o olhar já melancólico para trás, induzidos por não sei quantos projetos utópicos, de revoluções e acenos de revoluções, num universo cada vez mais globalizado, e também capitaneado, pela força do urgente, indagaríamos sobre as respostas e saídas provocadas pelo desencadeamento de um humanismo que só conseguiu sobreviver a partir da sua própria fragilidade de sustentação. O que nos resta, nos escombros de coisas e homens legados pela chamada arte moderna do século XX, corresponde a um desafio incalculável de investigação que nos leva a alimentar o suficiente de um jogo onde ninguém mais sabe qual a regra. A modernidade, no final das contas, pode ter se apresentado como um grande logro no tabuleiro esquizóide das questões da dramaticidade humana e que jamais poderão ser vencidas, a não ser como mais um ensaio de compensação nesse eterno conjunto de perdas e ganho programáveis de um cotidiano avalizados pela lógica dos progressos tecnológicos. Se, como eu já desconfio, chegamos a um novo século marcado pelos esgotamentos, vivenciados até a flor da pele por aqueles que se recusam a compartilhar da miserabilidade desse inevitável dia-a-dia, supõe-se que, no fundo, nunca houve um desafio a ser vencido no horizonte de qualquer modernidade, mas, sobretudo, uma incrível representação farsesca, no sentido mais medieval do termo, do que o homem jamais deixará de ser, essa inesgotável fonte de aprendizado que, no fim das contas, dentro desse processo de fragmentação, não servirá de grande coisa enquanto um projeto de homem para o futuro. Rousseau, e alguns românticos que o seguiriam, ficariam extremamente decepcionados se vissem o que certas arquiteturas pedagógicas se transformaram diante da insolvência de tantas posturas revolucionárias.

Quando Harold Bloom coloca Samuel Beckett como o grande profeta do silêncio antes do *ricorso* viconiano (480), no meio da lama espalhada por personagens cada vez mais esvaziados por seus conflitos sem sentido, temos, de certa maneira, um diagnóstico malandro de uma época que tudo esgota e tudo promete. O século XX é o momento particularmente poderoso de desafio do escritor e seus fantasmas da modernidade. O homem medíocre, o grande herói desse momento, supõe uma polarização com o tudo que para existir terá de ser nada. O nada como provocação das consciências adormecidas significa a possibilidade da imprudência do mesmo processo de esvaziamento, o que torna improvável a superação pelo lado negativo de qualquer alternativa proposta. Entre Dom Quixote, Kirilov e Estragon, por exemplo, subentende-se um abismo que aproxima e oprime os homens no que eles possam ter de mais natural. E, nesses casos, qualquer gesto de loucura passa a soar como o mais previsível dentro de um circuito de apostas onde, no fundo, ninguém tem de valer tanto assim. O profeta moderno do século XX, no fundo, anuncia principalmente o gesto apocalíptico antes do apocalipse. Se isso não resolve muita coisa, enfim, faz com que todos acabem vítimas de si mesmos e o nada se torna o grande prêmio a ser alcançado.

O grande pecado do Ocidente parece ter sido apostar na realidade de suas utopias. Nenhum filósofo, ou historiador, nos últimos dois séculos, parece ter sabido aproveitar a provocação de suas próprias escolhas. Tudo se mostrou sempre muito certinho e previsível dentro da mobilidade que a História sugeria. Ninguém, já desde Hegel principalmente, conseguiu escapar da intensa necessidade de superação. Camus nos dá um depoimento vigoroso, em *O homem revoltado*, do que seria essa catástrofe do pensamento ocidental em torno do não realizável: o niilismo como última fronteira entre todas as possibilidades. De certo, não ganhamos mais do que perdemos, mas o que perdemos começou a ter um preço muito alto na nova configuração das consciências. Todos partilhavam e, ao mesmo tempo, ficaram alijados de um processo sempre muito maior de conquista. O drama kafkiano, no fundo, corresponde ao grito anônimo de todos e ninguém, pois a humanidade não queria ser invisível, mas ao mesmo tempo não podia deixar de se atrair pela mediocridade, por personagens que representavam cada vez mais as encruzilhadas entre o tudo e o nada. No despertar desta feroz consciência, o homem é um incontrolado que deseja o controle e foge dele para se aliviar de uma tensão que corresponde aos séculos de herança adiada, pois, mais na frente, ele se deparará sempre com a possibilidade de um gasto a mais. As sobras são o grande material a ser trabalhado por esse escritor que se atola até o pescoço na força de suas configurações.

Compreender a literatura no século XX é mergulhar nas raízes de um desespero insuportável. É lidar com as réstias de um paraíso ansiado e sempre adiado. Um século em que os marxismos e os freudismos não puderam supor além dos seus pragmatismos incoerentes com qualquer tipo de representação realista. Seria, mais ou menos como compartilhar com o triunfo capitalista à espera do fim do capitalismo, sempre, cada vez mais adiado. Todos os gêneros literários no último século se tornaram, cada vez mais, narrativas de um silêncio absoluto. Fala-se porque já não se tem mais o que falar. O nada não se traduz, apenas aguarda-se. Os personagens nascem naturalmente corrompidos por um universo intraduzível e não sabem se comunicar se não se corromperem ainda mais com os valores que eles próprios condenam. Eis aí a maldição dostoiévskiana, já pressentida em Bakhtin: o processo dialógico só termina por uma opção monológica (209-22). O discurso, para não morrer, necessita de doses de talento cada vez maiores, uma maestria que obriga o escritor a distribuir acentos e tons de acordo com a necessidade de oxigênio de cada personagem. Eles vivem, mas na evidência de sua morte, alimentando-se dos pequenos dramas de um cotidiano que tem de ser um inferno sem se esquecer de que poderia ter havido uma salvação.

Desta maneira, a complexidade a que se chega com os romances e peças de Proust, Kafka, Pirandello, Joyce ou Beckett (apenas para citar os mais consagrados) ultrapassa qualquer fronteira de expectativa e desafio. Todos partilham um mesmo sentido de perda irremediável, cada vez mais sustentada pelo domínio da linguagem. O *background* da modernidade no século XX, diferentemente dos momentos anteriores, entre tantas idiossincrasias estilísticas, é o impasse de representação expresso pelas tortuosidades manieristas de um universo em que se tudo é aceito nada bastará. Mas se existe ainda uma novidade a ser perquirida nesse ponto, diz respeito ao processo inevitável de esgotamento que a linguagem, ainda hoje no limiar do século XXI, exhibe despididamente. Todo o arcabouço de sofisticação literária e estética desenvolvida durante o século XX nos legou, como em nenhuma outra época, um sentido doméstico de esvaziamento, como se tudo se continuasse a partir do universo desolador do *The waste land*.

Resta, ainda hoje, por assim dizer, um compartilhamento com os círculos viciosos dos modernos meios de comunicação, que ora nos dão sinais de revitalização, ora nos submetem a uma apatia assombrosa. As letras, nesse sentido, proliferam, junto à tv, ao cinema, às rádios e, agora, à Internet, os mecanismos que serão responsáveis por uma necessidade cada vez maior de autodestruição. A linguagem já não corresponde, ela apenas ensaia o seu poder num suporte agônico. Diante disso, toda e qualquer tradição se torna descartável e a que poderá surgir se torna somente simulação, pois a única coisa que interessa é o esvaziamento. Todo o processo desencadeado pela pós-modernidade indica uma necessidade de recomposição constante. O personagem medíocre é o grande herói porque ele também é apenas um ensaio de linguagem. O romance *Libra*, de Don Delillo, toca bem nessa ferida aberta de um tempo que se alimenta do excesso e das sobras desse excesso. Inventa-se um cotidiano porque ele se tornou o maior construtor de fantasmas no interesse de qualquer virtualidade. Anteriormente, os personagens beckettianos investiriam obsessivamente na opacidade das relações humanas, pois ali já se tinha uma idéia clara do que se leva ao processo de esvaziamento. Hoje, o sentido é o próprio vazio e as relações humanas um mero detalhe entre tantas coisificações. O resultado, por exemplo, diante da tela do computador, daria ao homem medíocre a afirmação de uma lógica de impotência, tal como um bom aprendiz da fruição gratuita que os seus antepassados do século XX souberam tão bem aperfeiçoar ao longo dele. A grande diferença, me parece, que agora o que se funda é uma nova maneira de articulação de um gesto derradeiro, como se o escritor estivesse condenado a inaugurar a incompletude como saída, não mais como um brado de dor. O homem do século XX se contorcia no seu universo de insignificâncias, o de hoje, num mundo cercado de virtuais totalidades, parece fadado a vivê-la na integridade de suas fantasias, o que impossibilita um verdadeiro gesto de criação. A grande literatura que pode se formar daí necessitaria de um fôlego ainda maior do que o herdado do século anterior, já que o imaginário, liberto em suas fragilidades de realização, faz do homem medíocre um ser ainda mais vulnerável às tentações da fruição imediata. Há uma tendência, por exemplo, a se diminuir as páginas dos romances contemporâneos, não só pelas questões comerciais, mas também por uma falta de fôlego evidente dos novos romancistas, presas que estão a um universo de pragmatismo e esvaziamento, de esvaziamento e pragmatismo.

Ao contrário de muitas tendências apocalípticas, acho que a literatura de qualquer tempo continua, de uma maneira ou de outra. O que nocauteia o chamado "processo evolutivo" é a forma como o escritor e o seu tempo negligenciam a força de seu próprio tempo. A vitalidade de uma época, e algumas Histórias nos mostraram isso, se encontra debruçada entre as crenças e descrenças legadas das convulsões antigas. O que move a literatura é sobretudo a vontade de enfrentamento, sem isso não há literatura, não há sequer uma época que possa se dizer vivida. O homem medíocre é uma consequência de todo um esfacelamento que se tornou altamente produtivo em boa parte do século passado. Hoje, por mais incrível que possa parecer, vivemos o impasse por termos sobrevivido a ele. O impasse pós-moderno pode bem ser a frustração de não ser moderno, de lidar com as sobras de uma linguagem que não pertence a ninguém, já que os herdeiros não querem ter novos filhos que lhes causem muitos problemas.

## **BIBLIOGRAFIA**

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense-universitária, 1981.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BLOOM, H. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

CAMUS, A. **O homem revoltado**. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*A sombra é somente  
um sonho do corpo  
e o corpo uma prisão  
dentro da alma.  
Não se retalha à faca  
nem se acerta à bala  
a sombra,  
que é chão sempre  
antes do corpo.*

**CARLOS MOREIRA**